

RESENHA



MULHERES DE CINZAS: A RIVALIDADE ENTRE PORTUGAL E NGUNGNHANE NO SUL DE MOÇABIQUE

ANTÓNIO N'RUNCA¹
SUELI DA SILVA SARAIVA²

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas**: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana, livro 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Nascido em 1955, na cidade de Beira, Moçambique, Mia Couto é biólogo e jornalista, porém a sua paixão pela literatura tornou-o um dos principais escritores moçambicanos e da língua portuguesa, é autor de mais de trinta livros, que se estendem desde romances, contos, poemas e crônicas. Seu romance Terra Sonâmbula (1992) é considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX. Foi galardoado com vários prêmios literários, dentre eles o Camões em 2013 e o Prêmio Neustadt International Prize em 2014, tido como o “Nobel Americano” — Couto e João Cabral de Melo Neto foram os únicos escritores de língua portuguesa que receberam tal honraria. Além disso, Mia Couto é o único escritor africano eleito como membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Seu recente romance histórico em questão, As Mulheres de Cinzas, publicado em 2015, é o primeiro volume que compõe a sua trilogia, intitulada “As Areias do Imperador”, sendo que o segundo volume Sombras da água foi publicado em 2016 e o terceiro livro, O bebedor de horizontes, foi lançado em 2017. Este primeiro volume é composto por vinte e nove capítulos; alguns capítulos são introduzidos com

¹ Graduando em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: antonionrunca@gmail.com

² Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas. E-mail: suelisaraiva@unilab.edu.br

provérbios, outros com poemas, que trazem de maneira resumida o assunto principal de cada capítulo.

No que diz respeito ao aspecto geográfico, toda a trama do enredo desenrolou-se no atual território moçambicano, isso é compreendido por se tratar de um romance histórico, uma narrativa que recria factos reais e históricas por meio da ficção. Além disso, todos os aspectos rústicos e nome dos lugares mais marcantes dessa época foram reconstruídos, inclusive as paisagens dos rios e das florestas.

A narrativa está situada entre o final de 1883 a princípio de 1885, período que coincide com o fim da conhecida Conferência de Berlim (1884-1885), quando iniciaram as disputas entre as principais potências europeias pelos territórios africanos ambicionados.

O romance narra a história de Ngungunhane, o último imperador do Reino de Gaza, que governou toda metade Sul do território de atual Moçambique. O que significava que a maior parte da colônia portuguesa de Moçambique naquela época era ocupada e controlada por Ngungunhane. Portugal a medo de perder suas parcelas de terras ambicionadas pelos britânicos, em 1895 envia sua ofensiva militar a Sul de Moçambique, com o desígnio de afirmar o seu domínio absoluto no território até então a governo do monarca de Gaza. Nesse contexto de guerra, um jovem português, sargento Germano de Melo é enviado para ocupar um posto militar numa aldeia chamada Nkokolani, localizada no território da etnia Vaxopi. Os Vaxopi são um povo de território ocupado e massacrado pelo domínio dos Vanguni (tribos do imperador) e que estabeleceram, por essa razão, uma aliança de cooperação militar com as autoridades portuguesas.

No posto de Nkokolani, o sargento Germano conhece um homem que era grande aliado dos portugueses, este tem três filhos: Dubula (que se aliou a Ngungunhane) Mwanatu (que se juntou à Coroa portuguesa) e Imani (a filha mais nova), os dois últimos foram educados pelos portugueses numa missão católica. Germano acaba por apaixonar-se por Imani.

A guerra causou uma série de eventos dramáticos na família de Imani; em poucos meses o irmão mais velho Dubula é morto na batalha entre tribos, e a mãe enforca-se na árvore sagrada do seu quintal.

Para vencer a solidão, o sargento Germano escreve uma série de cartas para o tenente Ayres de Ornelas. Uma amiga do sargento, a italiana Bianca Vanzini Marini, foi visitar Nkokolani. Dias depois, um disparo atinge as mãos de Germano, que se defendia da multidão que marchava ao quartel para roubar as armas; à frente da multidão encontrava Mwanatu, o irmão de Imani. Imani, numa situação extrema, usa a arma para defender o irmão. O pai Katini, Imani, Bianca e Mwanatu transportam de urgência o sargento ferido para a margem do rio Inharrime, onde se localiza o único hospital da região que pode salvar o português.

Os personagens do enredo são construídos e distribuídos em duas grandes categorias, a saber: os africanos e os europeus.

Os personagens africanos são: Imani, Ngungunhane (o imperador de Gaza) Chikazi Makwakwa (a mãe de Imani), Katini Nsambe (o pai de Imani), Tia Rosi, o avô Tsangatelo, Tio Musisi, Dubula (filho mais velho da família Nsambe), Mwanatu (o mais novo), Binguane (régulo chope e inimigo de Ngungunhane) Layelwane (esposa de Tsangatelo), Xiperenyane (filho de Binguane e aliados dos portugueses).

Os personagens europeus são: Sargento Germano de Melo, Dona Bianca (a mulher italiana) António Enes (Comissário Régio), Conselheiro José d'Almeida/ Tenente Ayres de Orneles (apenas citado por meio das epístolas), o cantineiro Sardinha, coronel Eduardo Costa, Sanches de Miranda, Fragata, capitão Mouzinho de Albuquerque e padre Rudolfo.

Com relação à linguagem empregada no romance, como em maior parte das suas obras, Mia Couto adota uma linguagem criativa, mais acessível à percepção do leitor, incorporando nela vocabulários e estruturas específicas de línguas moçambicanas dentro do português. Por exemplo, no romance há emprego de seguintes palavras: moya = alma; Imani = quem é; sivanyula = tecidos de palha; timbissi=hienas; noy = feiticeiro e simba = leão. Além disso, há no romance traços do estilo realismo/naturalismo, verificado, por exemplo, na descrição escrutinada do corpo da mulher, baseada em erotismo.

Além de Mia Couto possuir uma escrita baseada em provérbios, metáforas e enigmas, sua ficção é também marcada pelo “Realismo Animista”: uma escrita que incorpora na narrativa dois universos: o mundo natural e o sobrenatural, o visível e o invisível, ou seja, reproduz-se na literatura a crença na existência e convivência entre os vivos e as almas dos falecidos, os entes queridos. Desse modo, não seria possível gerar uma nova vida sem um pacto com os antepassados, como é o caso do nascimento da personagem-narradora, Imani.

Diz-se em Nkokolani, a nossa terra, que o nome do recém-nascido vem de um sussurro que se escuta antes de nascer. Na barriga da mãe, não se tece apenas um outro corpo. Fabrica-se a alma, o moya. Ainda na penumbra do ventre, esse moya vai-se fazendo a partir das vozes dos que já morreram. Um desses antepassados pede ao novo ser que adote o seu nome. No meu caso, foi me soprado o nome de Layelwane, a minha avó paterna. (COUTO, 2015, p. 15-16)

No que tange ao foco narrativo, a narrativa é feita em 1ª pessoa do singular, através de um narrador testemunha. O enredo não segue um só ritmo, portanto é feito de uma maneira alternada, o que, às vezes, pode dificultar o leitor, principalmente o estreado; porém no plano do conteúdo o enredo possui uma linha uníssona, pois à proporção que uma narrativa é cessada ou retomada serve como complemento da outra, embora cada narrativa poderia ser lida de forma independente. Neste quadro há dois narradores: a moçambicana, Imani, que nos possibilita ver Ngungunhane a

partir do ponto de vista da população local, e o militar português, Germano, que, por meio das suas missivas apresenta Ngungunhane do ponto de vista portuguesa. No entanto, pela composição da intriga, Imani é a narradora principal, dado que ela não só narrou quinze capítulos, e o sargento Germano catorze, como também seus capítulos são mais longos e com muitas páginas, quando comparados aos do Germano. Os principais elementos da trama, isto é, da relação conflitante entre soldados VaNguni, a monarquia portuguesa e tribos locais só é compreendida claramente a partir da voz de Imani. O narrador português, por outro lado, apresenta uma narrativa cheia de subjetividade e solilóquio, ou seja, um discurso voltado para expressar seus sentimentos e angústia do seu espírito; muitas vezes foge do foco narração para manifestar sua tristeza, por ter sido exilado em Moçambique para cumprir a pena pela sua insurreição.

Quanto ao predomínio da narração, ambos são os narradores-oniscientes, pois conseguem mostrar que têm domínio sobre outros personagens e conseguem penetrar suas mentes para desvendar suas emoções, intenções, alegrias e tristezas até mesmo conhecem os sentimentos dos outros personagens secundários que ainda não se manifestaram diretamente na trama.

A nossa terra, porém, era disputada por dois pretensos proprietários: os VaNguni e os portugueses. Era por isso que se odiavam tanto e estavam em guerra: por serem tão parecidos nas suas intenções. O exército dos VaNguni era bem mais numeroso e poderoso. E mais fortes eram os seus espíritos, que mandavam nos dois lados da fronteira que rasgou a nossa terra ao meio. (COUTO, 2015, p. 17)

Na visão sócio-política, a obra traz o debate crítico acerca da figura de Ngungunhane a partir das ações dos personagens, principalmente as atitudes dos seus soldados que massacravam as tribos que se recusavam a submeter-se ao seu mando, e por meio da visão peculiar de cada narrador que descreve Ngungunhane a sua maneira, conduz o leitor a refletir sobre os comportamentos do imperador e tirar suas próprias inferências sobre o herói criado pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), já que alguns desses atos brutais recriados pelo autor estão nos registros históricos, mas que foram ignorados pela elite moçambicana em prol de um projeto da união nacional.

Mulheres de Cinzas, portanto, é um romance histórico que apresenta ao leitor duas áreas de saber, ou seja, uma visão da intertextualidade, e procura levá-lo a pensar criticamente sobre dados históricos por meio da literatura para conseguir compreender a questão política e social da sociedade moçambicana e, principalmente, a respeito do estatuto de herói atribuído a Ngungunhane depois da independência do país, em 1975.